

“Gorda, Sim! Maravilhosa, Também!”: Do Ressentimento à Autoestima em Testemunhos de Vítimas de Gordofobia no YouTube¹

Amanda SANTOS²
Nicole SANCHOTENE³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O trabalho empenha-se em analisar possíveis razões para o considerável aumento de conteúdo relacionado à gordofobia na internet e para a consolidação do tema como pauta social contemporânea. Apoiando-se em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube, o artigo propõe pensar sobre o gordo como forma de identidade num contexto social que reverencia a magreza. Além disso, problematizar como as noções de empoderamento e de autoestima presentes nos discursos participam dessa dinâmica ao concentrarem nos indivíduos a responsabilidade por suas condições de vida. Por fim, refletir sobre como a subjetividade da vítima se constitui a partir do ressentimento e sobre a expansão temporal da moral do presente quando indivíduos narram e reinterpretam suas experiências de sofrimento passadas.

Palavras-chave: ressentimento; autoestima; corpo; sofrimento; testemunho.

1. Ideais morais incompatíveis: o corpo gordo no contemporâneo

Uma busca no Google pelo termo “gordofobia” até o ano de 2009 encontrará menos de 700 resultados. Entre 2010 e 2013, esse número sobe para perto de 10 mil resultados. Para o mesmo intervalo de tempo, a busca entre os anos de 2014 até 2017 retornará um total de 57 mil resultados, um crescimento de quase 600% em comparação com o período anterior. Como explicar tal diferença? O aumento no número de usuários de internet⁴, embora relevante, não é suficiente para dar conta de tal fenômeno. De fato, nosso objetivo será o de argumentar que a expansão do discurso sobre gordofobia na mídia nos últimos anos está associada à emergência de uma nova moralidade que marca a cultura ocidental contemporânea.

“Gordofobia” significa, em linhas gerais, aversão à gordura. Uma aversão que se manifesta, por um lado, no verdadeiro pavor que os sujeitos contemporâneos possuem de engordar e, por outro, no desprezo direcionado às pessoas consideradas gordas. O conceito de fator de risco, que passou a determinar as práticas médicas ao menos desde

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ. Bolsista CNPq. Email: amandasantos94@gmail.com.

³ Mestranda em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ. Bolsista CNPq. Email: freire.nicole@gmail.com.

⁴ Estima-se que em 2010 quase 2 bilhões de pessoas teriam acesso a internet no mundo (fonte:

<http://royal.pingdom.com/2011/01/12/internet-2010-in-numbers/>), enquanto em 2017 esse número seria de aproximadamente 3,7 bilhões (fonte: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>).

a década de 70 (VAZ, 2010, p. 144) por estabelecer um nexó probabilístico entre sobrepeso e doenças futuras, também contribuiu para fomentar a ideia de que o corpo gordo é “doente”. A figura do gordo é aquela a ser evitada na medida em que “a obesidade passou a ser uma ‘ameaça sanitária’, uma epidemia que se alastra rastejante, dissimulada, um ‘flagelo’ planetário.” (VIGARELLO, 2012, p. 321). Desta forma, o gordo parece ser o novo “anormal” segundo descrito por Foucault (1988), ao ocupar o lugar dado anteriormente à figura do homossexual, por incorporar simultaneamente norma científica, valor moral e perigo social. Ao mesmo tempo em que separam os indivíduos hierarquicamente entre si (por exemplo, entre pessoas gordas e magras), estas categorias instauram também uma separação entre corpo e consciência no interior de cada indivíduo, pelo medo daquilo que alguém pode vir a ser caso não seja capaz de controlar seus desejos (por exemplo, um gordo).

Em contrapartida, assistimos à emergência da autenticidade como valor moral nas sociedades ocidentais contemporâneas. Segundo este valor, “não devo encaixar minha vida às demandas de conformidade externa”, sendo assim fiel a mim mesmo e à minha própria originalidade (TAYLOR, 2010, p. 39). Esta narrativa de autorrealização implica uma independência do julgamento externo, um sentimento de satisfação interior desligado das expectativas sociais: o que os outros pensam de mim não deveria afetar a forma como eu me sinto sobre mim mesmo. Os padrões estéticos fariam parte de uma série de regras impostas pela sociedade, regras às quais não devo me conformar caso deseje ser um sujeito autêntico. Neste sentido, ao invés de tentar me adequar, devo “aceitar quem sou”. Pelo nexó entre autenticidade e autoestima, “a necessidade de ‘amar a si mesmo’ jamais pareceu tão premente” (FREIRE FILHO, 2011, p. 718) quanto nos dias de hoje.

Acreditamos que a expansão do número de relatos de mulheres que dizem ter sido vítimas de preconceito e gordofobia na mídia é resultado da disputa entre estes dois fortes imperativos morais contemporâneos (“seja magro, seja esbelto, seja saudável” *versus* “seja quem você é, seja autêntico”). Frisando a dimensão do bem estar mental, cada vez mais mulheres vêm ao espaço público para narrar suas próprias experiências, responsabilizando a gordofobia e a pressão social pelos seus diversos sofrimentos. O crescimento da presença destas narrativas nos meios de comunicação “confirma a que ponto [a moralidade] mudou da acusação para o autotestemunho, da estigmatização para a vitimização” (VIGARELLO, 2012, p. 318). A acusação externa sobre o gordo como

alguém que, além de doente, é moralmente responsável pela sua condição, dá lugar aos relatos autobiográficos no espaço público sobre a experiência de sofrimento causada pelo preconceito daqueles que o acusam.

Para contribuir para a análise, selecionamos dezesseis vídeos produzidos por mulheres gordas que narram suas experiências e abordam os temas de preconceito, amor próprio, aceitação de si e empoderamento. Optamos pelos canais Tá Querida, de Luiza Junqueira, Alexandrismos, de Alexandra Gurgel, Gorda de Boa, de Jéssica Tauane, e Camilla Pires, que leva o nome da própria dona do canal. A escolha por esses canais se deveu especialmente ao elevado número de seguidores dos canais e de espectadores dos vídeos e à alta frequência de postagens feitas por estas blogueiras. A preferência por youtubers relevantes para esse debate também se torna evidente se fizermos uma breve comparação entre números de seguidores que elas têm no YouTube em relação a outras redes sociais. Luiza Junqueira, por exemplo, conta com cerca de 120 mil inscritos em seu canal, enquanto é seguida por 63 mil usuários no Instagram e por 42 mil no Facebook. O fato de possuírem muito mais seguidores no YouTube já surge como um indicativo de que haveria um interesse maior por plataformas capazes de apresentar esses testemunhos em sua forma mais realista. Os vídeos funcionam de modo distinto aos relatos textuais porque carregam consigo uma carga emotiva e tornam visíveis as reações daquele que narra sua experiência de sofrimento e superação.

O objetivo deste artigo será, então, o de pensar o lugar do corpo, da autoestima, do preconceito e do ressentimento na cultura contemporânea a partir destas narrativas sobre gordofobia no YouTube. Mais do que apreender estes testemunhos como sintomas de uma nova moralidade, percebemos que este discurso torna disponíveis no espaço público novas formas de dar sentido aos sofrimentos e angústias de indivíduos comuns, assim produzindo a subjetividade da vítima.

2. Corpo: identidade e discursos

Segundo Paula Sibilia (2010), as sociedades ocidentais contemporâneas são marcadas pelo culto ao corpo, pela idolatria de suas formas e aparências. Nem todos os corpos, entretanto, suscitariam tal reverência ou seriam dignos de adoração:

O culto ao corpo da sociedade contemporânea é, na verdade, um culto a certo tipo de corpo. [...] Somente esses corpos singularmente agraciados, além de sarados e malhados com cotidiano rigor, conseguem projetar seu brilho nos pódios da mídia e inspiram o arroubo de todos os demais (SIBILIA, 2010, p. 198).

Estaríamos vivendo, portanto, o imperativo da boa forma, no qual predominam rígidos padrões estéticos que determinam a necessidade de uma devoção impetuosa na busca pelo corpo perfeito. O necessário efeito colateral desta moral que enaltece os corpos magros é a abjeção aos corpos flácidos: a chamada lipofobia, ou gordofobia – a aversão estética e censura moral aos aspectos físicos e comportamentais associados à gordura (SIBILIA, 2010, p. 201).

Ao falar sobre o fascínio contemporâneo por ideais de leveza, Lipovetsky discorre também sobre como isso se dá em relação ao corpo. Para ele, o estigma acerca da gordura e do próprio gordo, este posto como figura associada ao perigo à saúde e ao incompatível com a beleza (LIPOVETSKY, 2016, p. 91), estaria ligado à importância do que representa a leveza para nossa sociedade bem como ao sentido relacionado a dinamismo e autocontrole dado aos corpos magros, os quais se evidenciariam talvez mais pela aparência do que puramente pela afirmação da saúde.

É válido ter em vista que, apesar de ser usado como prerrogativa para a intolerância com os corpos gordos, o discurso médico não é abandonado por estas blogueiras. Ainda que não seja um eixo central nessa temática proposta pelos canais, a importância da vida saudável é um tema abordado com frequência em suas narrativas. Alexandra Gurgel, por exemplo, fez uma piada com seus seguidores dizendo que havia finalmente cedido às pressões sociais e que resolveu emagrecer porque “afinal de contas, é saúde”⁵. Com esta colocação, Alexandra ironiza onexo entre magreza e saúde, e finaliza: “Sou gorda, sim! Maravilhosa, também! To vendendo saúde, não é mesmo?”. A ideia de saúde, nessa nova forma de discurso autobiográfico de empoderamento, se desvincula da imagem do corpo necessariamente magro. O que se percebe como alicerce relevante nesse tipo de narrativa é a reafirmação do ideal de corpo saudável, que se perpetua como um imperativo na sociedade, não importando qual seja a forma física em questão.

Este mesmo discurso de Alexandra revela outra face para a discussão aqui proposta: o que se nota é que há uma relação de identificação com o corpo, seja ele gordo ou magro, e seu significado social. Para Vigarello, trata-se de um “cogito corporal”, em que “penso, logo existo” é substituído por “sou o meu corpo” (VIGARELLO, 2012, p. 334), e este, então, desponta como um “lugar primeiro de identidade” (2012, p. 335). É também possível pensar esse nexo entre corpo e

⁵ “Resolvi emagrecer 50kg. Saiba como!”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zocx3HsEz_Y. Acesso em 09 jul. 2017.

identidade a partir de Giddens, que afirma que a imersão prática do corpo “nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p. 95), a qual concederia aos sujeitos um senso de segurança ontológica.

Se a figura do corpo magro estaria associada à “felicidade nos mais diversos âmbitos da vida: sucesso profissional, prazer sexual, amor, beleza, bem-estar” (SIBILIA, 2010, p. 205), o corpo gordo oferece uma série de reflexões outras. Vigarello (2012, p. 335-337) coloca três possíveis problematizações para se pensar a relação entre obesidade e identidade: (1) a impossibilidade de ser identificado a partir de um corpo “desconsiderado”; (2) a estigmatização do gordo, que é tido como alguém incapaz de atingir uma aparência física satisfatória – condição que se acentua num contexto social marcado pelo individualismo; (3) o surgimento de uma relação paradoxal de identidade entre o obeso e seu corpo: ele se identifica como tal, mas seu desejo de mudá-lo por vezes existe concomitantemente com o desejo de também não o fazer, porque esse mesmo corpo que faz com que o indivíduo se sinta oprimido é aquele que concede a ele uma identidade. “A infelicidade de se reconhecer num corpo depreciado e, em compensação, a evidência de ser nele o que se é e de reivindicar tal identidade” (VIGARELLO, 2012, p. 338). O discurso de Alexandra expõe o argumento de Vigarello de imediato:

Eu já fui magra por um tempo, mas eu me achei tão estranha no espelho que inconscientemente eu comecei a engordar, eu não me reconheci. Isso não quer dizer que eu não queira emagrecer. Todo mundo quer mudar alguma coisa no seu corpo [...] Eu não tô querendo culpar ninguém, nada, mas a única pessoa responsável por quem você pode ser, quando você vier a ser ou não, é você.⁶

Desta maneira, o mesmo indivíduo que busca emagrecimento é capaz de pensar-se a partir de uma identidade calcada no corpo gordo – identidade que se endossa por meio de discursos que se apoiam nas ideias de autoaceitação e autoestima.

Ainda que a youtuber admita nessa fala certa vontade de emagrecer e de modificar o próprio corpo, os discursos dos canais como os que abordamos aqui, incluindo o dela, seguem uma linha de raciocínio de não mais tentar adotar esse caminho do cuidado a qualquer custo e reafirmam uma identidade a partir da autoaceitação: “você tentar aprender aceitar e amar o corpo que você tem certamente é

⁶ “Quando eu emagrecer... Tudo vai ser diferente”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hwH4e7YcmUo>. Acesso em 08 de julho de 2017.

muito mais eficiente do que qualquer tipo de procedimento estético que tem por aí no mercado”⁷. Mais que isso: não seria apenas um exercício de se trabalhar a autoaceitação, mas também de enxergar a figura do preconceituoso naquele que não o faz e naquele que não se ama como se é: “É a pressão da sociedade. E é muito difícil você remar contra essa maré. [...] Eu só fui me aceitar, me reconhecer de verdade, me amar, ano passado. Alexandra, até 2015, era gordofóbica. [...] Eu amo realmente cada parte do meu corpo, cada defeitinho”⁸.

Em última instância, é a moralidade de cada sociedade e de cada momento histórico que vai afetar diretamente a experiência do indivíduo, a sua relação com o próprio corpo e a produção de discursos acerca dele.

Ao que parece, esses sujeitos contemporâneos acreditam, sobretudo, no valor da imagem que eles projetam nos espelhos e nos olhares alheios, uma imagem que – cada vez mais, e seguindo as transformações históricas que vêm afetando a subjetividade – considera-se de ser capaz de revelar o que se é (SIBILIA, 2010, p. 205).

Quando se fala disso, é fundamental ter em vista que o processo da afirmação de uma identidade e da construção de uma narrativa coerente com ela perpassa a moral e as perspectivas que se tem sobre o corpo e sobre o papel dos indivíduos nesse trabalho de gerenciamento de si. Se em relação à aparência cabe a cada um trabalhar sua autoestima, empoderamento e autoaceitação, no caso da saúde o que se observa é a manutenção da máxima de que é obrigação de todos ter o corpo – embora não mais necessariamente com foco estético – como objeto de cuidado de modo a afastá-lo do risco de adoecer ou de morrer.

3. Autoestima e empoderamento

A preocupação com a baixa autoestima é constantemente reiterada nos vídeos sobre gordofobia. O conceito de autoestima se tornou central na forma como indivíduos lidam com os seus infortúnios, explicam seus sucessos e fracassos e aconselham uns aos outros sobre como é possível melhorar suas vidas (HEWITT, 1998, p. 19). Hoje, o orgulho e a autoconfiança são abertamente enaltecidos, em detrimento da humildade e da modéstia que antes teriam sido vistos como comportamentos moralmente superiores.

⁷ “Como amar suas estrias”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8uyFyEYYgY>. Acesso em 08 de julho de 2017.

⁸ “Você aceita o corpo que tem?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIdWIF0ERMY>. Acesso em 08 de julho de 2017.

Em seu vídeo, Luiza Junqueira afirma “para mim, a forma mais fácil de você se tornar uma pessoa maravilhosa e autoconfiante é você pensar todas as coisas boas sobre você e assumir elas”⁹. Fica implícito, portanto, que “ser uma pessoa maravilhosa” hoje é possuir uma alta autoestima.

A importância dada nas sociedades contemporâneas à recuperação da autoestima é em parte explicada pela crença atual de que a baixa autoestima estaria na origem de diversos comportamentos negativos, problemas sociais e patologias mentais como gravidez precoce, delinquência juvenil, desemprego, problemas afetivos, transtornos alimentares, depressão, timidez excessiva, ansiedade, dificuldades de aprendizado, dependência química, etc. (WARD, 1996; HEWITT, 1998). “As consequências téticas imputadas à baixa autoestima servem para confirmar a relevância das condições de expressão e validação dos talentos, das inclinações e da identidade de cada indivíduo, em sua irredutível singularidade” (FREIRE FILHO, 2011, p. 719).

A adesão ao conceito de autoestima também parece estar ligada à sua capacidade de legitimar e justificar praticamente todos os comportamentos e decisões tomados por um indivíduo. Por exemplo, no caso específico do corpo, a autoestima pode ser usada de pretexto tanto para o indivíduo que escolhe se submeter a uma rotina de exercícios, dietas e procedimentos estéticos para melhorar a aparência e ser mais feliz, quanto para aquele que opta por rejeitar estes padrões de beleza e deseja ser feliz no próprio corpo. Em nome da própria felicidade, cada vez mais, vale tudo.

Seja qual for o método escolhido, a recuperação da autoestima é tida como algo socialmente desejável. Parte deste processo, a aceitação do próprio corpo seria garantia para uma vida mais feliz, como afirma Luiza Junqueira: “[...] a vida fica muito mais fácil se você aprender a amar [...] e aceitar [seu corpo] do jeito que ele é”¹⁰. Para essas youtubers, tudo isto faz parte do empoderamento pessoal, conceito que também aparece recorrentemente em seus vídeos e depoimentos.

Alexandra Gurgel descreve empoderamento como uma consciência sobre si mesma e sobre a sociedade que leva à conquista de liberdade. Esta liberdade estaria relacionada a decisões do âmbito privado como orientação sexual, maternidade, aparência física, escolhas profissionais, etc. Tornar-se empoderada, de acordo com a blogueira, é “você sair na rua do jeito que você quiser, você usar a roupa que você

⁹ “Como ser maravilhosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdqy9jG7vF8&t=186s>. Acesso em 09 jul. 2017.

¹⁰ “Roupas marcando as gordurinhas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kIArUWob1hk>. Acesso em 05 jul. 2017.

quiser, você amar quem você quiser, você comer o que você quiser, você ter a profissão que você quiser”¹¹. Alexandra também usa uma série de metáforas como “se encontrar”, “escalar a montanha do amor próprio”, “encontrar a força para se reerguer”, “olhar para dentro de si e se descobrir”, entre outros clichês frequentes no discurso de autoajuda.

Além do mais, o empoderamento parece ser um feito passível de ser ensinado. É o que sugerem vídeos como “8 dicas para praticar o amor próprio já!”¹², “Como consegui amar meu corpo”¹³ e “5 passos para amar seu corpo (Independente do seu peso)”¹⁴. Para tanto, é preciso que haja uma reorientação individual das crenças sobre si mesmo, o que exige bastante esforço e determinação – e não faltam vídeos que oferecem dicas e fórmulas sobre como enfrentar esta jornada rumo ao amor próprio: “Pare de se odiar!”, “Acabe com a autosabotagem”, “Pare de se comparar”, “Assuma a responsabilidade”, “Pare de se esconder”, “Aprenda a dizer não”, “Reveja quem anda com você”, “Pratique todos os dias o amor por você mesma”, “Declare sua independência”¹⁵. Inserido nestas narrativas terapêuticas, o empoderamento representa a superação de bloqueios mentais na consciência que impediriam o sujeito de se realizar, e dependeria apenas de um trabalho meticuloso do indivíduo sobre a sua própria subjetividade (ROSE *apud* CRUIKSHANK, 1999, p. 92). Recuperar a autoestima e ser feliz depende apenas do esforço de cada um, como garante Luiza Junqueira ao narrar o seu processo de empoderamento:

Eu resolvi gravar esse vídeo pra vocês pra mostrar que eu não fui sempre essa pessoa com autoestima. E muita gente me manda mensagem falando ‘eu tenho inveja da sua autoestima’, ‘queria me amar da forma como você se ama’... Mas é possível! Eu também não me amava. Eu tinha uma autoestima muito muito muito baixa. [...] Eu tinha depressão, eu tinha muitos problemas... E eu consegui sair dessa sozinha.¹⁶

Porém, ao mesmo tempo em que frisa esta dimensão da responsabilidade individual na superação dos problemas pessoais, “a narrativa de autoajuda e realização

¹¹ “Dia 26: O que é empoderamento e como ser empoderada?”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6vnM3_LITMo. Acesso em 06 jul. 2017.

¹² “8 dicas para praticar o amor próprio já!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3FkvpIvJB3U>. Acesso em 06 jul. 2017.

¹³ “Como consegui amar meu corpo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFRA5LNYNdM&t=82s>. Acesso em 06 jul. 2017.

¹⁴ “5 passos para amar seu corpo (independente do seu peso)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGhJflisWIU>. Acesso em 06 jul. 2017.

¹⁵ “Maratona do Amor Próprio”. Disponível em:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLTzAjoqhOji_rxLvO3JfXobRF960Y3VsI. Acesso em 06 jul. 2017.

¹⁶ “Meu vídeo secreto sobre dietas | Respondendo meu primeiro vídeo no YouTube.” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DR9AjSEQVbQ&t=1s>. Acesso em 11 de julho de 2017.

é, intrinsecamente, uma narrativa da memória e da lembrança do sofrimento” (ILLOUZ, 2011, p. 80) – sofrimento este que está ligado frequentemente a uma experiência de vitimização. A expressão da autoestima será considerada especialmente símbolo de virtude quando estiver associada à superação de algum obstáculo ou violência. Se em outros indivíduos o excesso de autoestima pode ser confundido como arrogância ou prepotência, nas vítimas ele será visto como prova de sua força interior. Isso explica por que “ao mesmo tempo [em] que o discurso do individualismo triunfal e autoconfiante nunca foi tão disseminado e hegemônico, a demanda de expressar e praticar o próprio sofrimento [...] nunca foi tão estrídula” (ILLOUZ, 2011, p. 83). Cabe pensar, portanto, qual a importância de se afirmar uma vítima de preconceito e o lugar do ressentimento nestas narrativas autobiográficas contemporâneas.

4. Preconceito, ressentimento e testemunho

De acordo com Alexandra Gurgel, o sofrimento da mulher gorda decorre do fato dela ser vítima de uma série de opressões na sociedade:

Ela não tem o direito de aproveitar as coisas simples da vida porque ela é julgada. E isso tudo porque ser gorda na sociedade é mal visto. É uma ofensa [...] que uma mulher gorda seja feliz, que ela se aceite. Então tudo é voltado para gerar insatisfação nessa mulher.¹⁷

Da mesma forma, ao se afirmarem vítimas de gordofobia, várias youtubers analisadas neste trabalho narram uma enorme quantidade de experiências de sofrimento psicológico (como pensamentos suicidas, depressão, relacionamentos abusivos, bullying na infância, sentimentos de inadequação, culpa por não conseguir emagrecer, ansiedade, etc.) que seriam consequências de enfrentarem o preconceito cotidianamente (no transporte público, nas relações familiares, em consultas médicas, em lojas de roupa, na academia, em entrevistas de emprego, em relacionamentos amorosos, etc.). Assim, podemos apontar três aspectos frequentes nas narrativas sobre gordofobia que marcam a moralidade contemporânea: a experiência de ressentimento, a denúncia de preconceito e o testemunho de vitimização. Juntos, estes três temas nos informam bastante a respeito de que explicações para a existência de sofrimento as sociedades ocidentais fornecem para os indivíduos.

Diversos autores já apontaram que desde a segunda metade do século 20 as antigas hierarquias e horizontes morais que organizavam a vida dos indivíduos até

¹⁷ “A solidão da mulher gorda é real”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rC01h9GHGLI&t=652s>. Acesso em 11 de julho de 2017.

aquele momento entraram em crise, e emergiu uma nova cultura, baseada nos valores de igualdade, felicidade e autenticidade (TAYLOR, 2007; 2010). Nesta nova cultura, os desejos e ambições individuais ganharam antecedência sobre os deveres e obrigações da vida em comunidade (RICE, 1998, p. 31-32): ao invés de controlar seus impulsos e postergar a gratificação, obedecendo a uma extensa lista de “não deverás” que garantiriam a felicidade no futuro (RIEFF, 1990, p. 29-31), o indivíduo contemporâneo é convocado a ser autêntico, rejeitando as regras externamente impostas por sua sociedade e buscando o prazer aqui e agora. E é porque a felicidade passou a ser tida como algo da ordem do *direito* nas sociedades democráticas que

[...] todos aqueles que não puderam e não conseguiram realizar tal aspiração, supostamente prometida, à felicidade, passaram a sentir-se como vítimas de uma injustiça social. [...] Vale dizer, a disseminação do ressentimento e da vitimização na atualidade [...] delinea a outra cena do imperativo à felicidade (BIRMAN, 2010, p. 28).

As narrativas sobre gordofobia não deixam de ser parte deste fenômeno de disseminação do ressentimento e da vitimização na atualidade. O ressentimento é uma “experiência continuamente renovada de impotente hostilidade [...] um conjunto de ‘sentimentos’ em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência [...] rancorosa” (ANSART, 2004, p. 15). Ora, tipicamente nas sociedades contemporâneas, sentimentos como rancor, ódio e desejo de vingança são repudiados socialmente. Portanto, a vítima, ao justificar seu ressentimento, precisa transformar aquilo que seria da ordem de uma ofensa pessoal numa injustiça, numa violação dos valores morais:

Se somos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que estes indivíduos sejam malévolos, enquanto nós seríamos os bons. As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente (ANSART, 2004, p. 21).

Pela valorização da liberdade e da autonomia individuais, pouco resta de moralmente condenável nas sociedades ocidentais contemporâneas, nas quais o único “pecado intolerável é a intolerância” (TAYLOR, 2007, p. 484). Ao mesmo tempo, precisamente por causa disto, os sofrimentos resultantes de preconceito e intolerância serão enquadrados como socialmente relevantes e dignos de atenção e indignação, enquanto suas vítimas humilhadas irão gozar da superioridade moral atribuída àqueles que foram autênticos e enfrentaram os preconceituosos.

Porque o ressentimento é experimentado também como uma humilhação, uma “negação de si e da autoestima” (ANSART, 2014, p. 22), muitas vítimas de gordofobia narram a experiência de terem, no passado, sentido vergonha por ser quem eram, pois acreditavam no juízo dos preconceituosos (VAZ, 2014). Cabe ao indivíduo, portanto, ser autêntico, “pensar diferente dos outros”, “não deixar [...] a mídia ditar quem você deve ser”¹⁸ e perceber que “vergonha é ser preconceituoso com os outros [...] vergonha não é ser gordo”¹⁹.

Uma cultura marcada pelo ressentimento, portanto, terá a presença hegemônica de histórias de violência e vitimização na mídia. Narrar o próprio sofrimento no espaço público traria ao menos dois benefícios: de um ponto de vista terapêutico, é positivo para a vítima, pois recupera a autoestima; além disso, ajudaria outros indivíduos que passam pelas mesmas experiências a se reconhecerem como vítimas inocentes pelo seu próprio sofrimento. Portanto, ao mesmo tempo em que refletem esta relação inédita com o sofrimento, estes testemunhos de vítimas de preconceito, uma vez no espaço público, irão produzir a subjetividade contemporânea ao promover a apropriação pela audiência de fragmentos narrativos que articulam preconceito no passado, presente de sofrimento e promessa de superação no futuro (HACKING, 1995):

Eu sempre vi o meu corpo, desde criança, como um corpo estranho. Eu não me identificava com o meu corpo, eu achava que meu corpo era errado, eu achava que a forma que eu tinha era errada e eu achava que eu era errada. E isso influenciou na minha vida como um todo, até eu dar o primeiro beijo, até minha primeira vez... tudo isso pra mim foi mais difícil porque eu não me achava capaz. [...] Então eu passei por essa adolescência bem turbulenta, bem difícil, tive pensamentos suicidas, tive vontade de me matar, tiver vontade de morrer. [...] Muitas pessoas próximas a mim diziam que eu só ia ser feliz quando eu emagrecesse.²⁰

O crucial é permitir que um indivíduo que sofre no presente, não importando a forma desse sofrimento, seja capaz de conectar de forma causal esse sofrimento a algum evento do passado – no caso, a experiência de preconceito. Na medida em que práticas cada vez mais rotineiras passam a ser vistas como agressões, aumenta o número de pessoas capazes de estabelecer um nexos causal entre eventos passados e sofrimentos presentes. O conceito de gordofobia faz parte desta dinâmica ao afirmar que pessoas

¹⁸ “Ser gorda e lidar com família, sexo e moda”. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=980LaQSTOJo&t=602s>. Acesso em 10 de julho de 2017.

¹⁹ “Toda mulher gorda é feia, sem mais”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHbZuf7gei0&t=121s>. Acesso em 10 de julho de 2017.

²⁰ “Você aceita o corpo que tem?” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIdWIF0ERMY>. Acesso em 10 de julho de 2017.

gordas sofrem preconceito e que este é responsável por diversos tipos de sofrimentos psíquicos. Assim, esses testemunhos, ao atribuírem novos sentidos para experiências comuns, permitem que a audiência reinterprete o próprio passado e se aproprie da posição subjetiva da vítima de preconceito, hoje tão valorizada simbolicamente. Inseridos numa história de vida real, esses novos conceitos permitem “criar uma coerência narrativa com a qual o leitor ou espectador possa identificar-se” (GIDDENS, 2002, p. 184).

Em vários vídeos está presente esta dimensão de tornar cada vez mais mulheres sensíveis às experiências que elas próprias vivenciam e enfim se tornarem mulheres empoderadas ao se reconhecerem como vítimas de gordofobia. A youtuber Jessica Tauane afirma com satisfação: “a grande vitória é perceber que a gente está atingindo muitas mulheres [...] isso que a gente tá fazendo agora é realmente transmitir força pra essas mulheres para que elas compreendam seus corpos e deixem de lado essas neuras e essas inseguranças”²¹. Não causa espanto, então, perceber que “a narrativa de autoajuda e realização é, intrinsecamente, uma narrativa da memória e da lembrança do sofrimento” (ILLOUZ, 2011, p. 80).

5. Considerações finais

Esse discurso que fala sobre corpo e saúde ao mesmo tempo em que reforça um olhar para as experiências individuais passadas calcado no ressentimento nos leva, por fim, a lançar luz sobre a relevância do tempo presente nessas narrativas. François Hartog chama este fenômeno de “presentismo”: “Nós [...] não paramos de olhar para frente e para trás: mas *sem* sair do presente do qual fizemos nosso único horizonte” (HARTOG, 2013, p. 260, grifo do autor).

Nesse regime, o presente se estende de duas formas: (1) para o passado, através de fenômenos como o dever de memória e o imprescritível (HARTOG, 2013, p. 258). Este retorno ao passado que se dá no ato de recontar a própria trajetória de vida, porém, só surge para confirmar as crenças na verdade de uma cultura, ao atribuir sentidos inéditos às experiências vividas. O discurso sobre gordofobia inibe o questionamento dos valores hegemônicos por fazer crer que as coisas sempre foram da forma como acreditamos que elas sejam hoje. E aqueles que ousarem questionar a veracidade dos testemunhos não devem passar de meros preconceituosos.

²¹ “Uma gorda incomoda muita gente”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pj999to27sk>. Acesso em 10 de julho de 2017.

(2) Para o futuro, esse movimento se manifesta na relação com a saúde. É preciso, neste caso, ter em vista a noção de fator de risco, isto é, observar o futuro como um local de possível adoecimento que pode ser evitado. Como vimos, o discurso identitário que marca o empoderamento do corpo gordo questiona onexo entre gordura e desleixo com a saúde: deste modo, a ideia de boa saúde seria dissociada de magreza, porque manter-se saudável já bastaria. Se não me aproximo do risco de adoecer no futuro por ser gordo, posso me afirmar enquanto tal. É seguindo esta lógica que esse discurso reitera um presente que se expande também para o futuro ao privilegiar uma forma de cuidado que se preocupa em manter corpos saudáveis e longe do risco, seja ele de doença ou da morte, ao mesmo tempo em que afirma uma identidade que se apoia também por conta da forma física a partir do ideal de autoestima e de autenticidade.

Da mesma forma, o conceito de autoestima é problemático na medida em que “atribui ao indivíduo grande responsabilidade pela sua situação [...] [sendo] ele quem deve recuperar a autoestima e assim superar as adversidades; [...] a possível influência do mundo social é deixada de lado neste quadro” (HEWITT, 1998, p. 22). A solução proposta pelo conceito de autoestima, que enfatiza a autoconfiança e o esforço individual, “[...] se alinha, significativamente, aos peculiares princípios de liberdade, de escolha e de iniciativa pessoal, consagrados pelo individualismo neoliberal” (FREIRE FILHO, 2011, p. 726). Ao invés de suscitar a ação coletiva necessária à mudança das condições de injustiça numa determinada sociedade, a autoestima reduz os sofrimentos existentes a uma questão psicológica que deve ser modificada no âmbito da reflexão individual, reforçando valores neoliberais como a meritocracia e o individualismo, que se tornaram hegemônicos na forma como os sujeitos contemporâneos irão interpretar suas trajetórias de vida (STRINGER, 2014, p. 8).

Mais do que incentivar o amor próprio, porém, o que estes relatos promovem, em última instância, é a adesão ao discurso da vítima e do ressentimento. O discurso de gordofobia “manifesta uma nova maneira de ser, que é falar do seu sofrimento, senão de sua infelicidade”. (VIGARELLO, 2012, p. 338). Esta forma de explicar os sofrimentos, ao frisar a virtude da vítima autêntica que supera a imoralidade dos preconceitos, é problemática porque não permite que os indivíduos abandonem esta posição de dor e impotência, tornando-se uma prática reiterativa da própria experiência de agressão e de sua identidade enquanto vítimas (STRINGER, 2014, p. 88-89). O modo de fazer política

resultante deste discurso moralista só pode ser um que privilegie a punição e a vingança, ao invés da transformação social.

Referências bibliográficas

ANSART, P. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (orgs). *Memória e (Res)sentimento – Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 15-36.

CRUIKSHANK, B. *The Will to Empower – democratic citizens and other subjects*. New York: Cornell University Press, 1999.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE FILHO, J. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. *Revista Famecos*, v. 18, n. 3, p. 717-745, 2011.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HACKING, I. *Rewriting the soul: multiple personality and the sciences of memory*. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

HEWITT, J. P. *The Myth of Self-Esteem: Finding Happiness and Solving Problems in America*. Nova York: St Martin's Press, 1998.

ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LIPOVETSKY, G. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. Barueri: Manole, 2016.

RICE, J. *A Disease of One's Own: Psychotherapy, Addiction, and the Emergence of Co-dependency*. New Jersey: Transaction Publishers, 1998.

RIEFF, P. *O triunfo da terapêutica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, J. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 195-212.

STRINGER, R. *Knowing Victims: Feminism, agency and victim politics in neoliberal times*. New York: Routledge, 2014.

TAYLOR, C. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *A Secular Age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

VAZ, P. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. *Galáxia* (São Paulo, Online) n. 28, p. 32-44, dez. 2014.

_____. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 135-164.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo – História da obesidade no Ocidente. Da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012.

WARD, S. Filling the World with Self-Esteem: A Social History of Truth-Making. *The Canadian Journal of Sociology*, 1996, v. 21, n. 1, pp. 1-23 (online).